ESTA É UMA AMOSTRA GRATUITA DO LIVRO **ERRANTES**.

ESTA NÃO É UMA CÓPIA FIEL DAS VERSÕES QUE SERÃO COMERCIALIZADAS NOS SITES OFICIAIS, RESTRINGINDO-SE APENAS COMO UMA APRESENTAÇÃO DOS DOIS PRIMEIROS CAPÍTULOS DA OBRA.

AMOSTRA GRATUITA

AMOSTRA GRATUITA

Para meus amigos que me viciaram em RPG e vampiros, em especial Malu, Igor, Felipe e Léo.
A culpa disso existir é de vocês.

Agradecimentos

É óbvio que meu primeiro agradecimento vai aos responsáveis por me manterem com este projeto por vários meses em minha mente. Então, agradeço ao Igor por mestrar uma partida de RPG caprichada, com personagens e situações inspiradoras — alguns elementos estarão presentes neste livro. Sem ele , essa história não existiria, nada mais e nada menos do que isso. Agradeço a minha querida amiga Malu por criar e interpretar Pierre du La Mer, um personagem cheio de carisma ao qual peguei emprestado para esta história. Obrigada por me deixar brincar com ele!
Agradeço ao Felipe por trazer sempre elementos caóticos que, de um jeito ou de outro, me obrigavam a "sair da caixinha" e me aventurar em novas ideias e criações.
Agradeço ao Léo por, assim como os anteriores, dividir todo seu conhecimento e me proporcionar incríveis momentos de troca de ideias, assistência e, principalmente, paciência!
Agradeço a minha prima Dani por sentir em seus ossos que esta história tinha potencial de ser contada e distribuída, assim como aceitar se aventurar em São Paulo em busca dos cenários perfeitos e ajudar em possíveis momentos que a autora — vulgo eu — se perdia em emaranhados narrativos. Não deve ter sido fácil.
Agradeço também aos meus grandes amigos que se mantiveram presentes e me apoiando durante todo o processo de criação: Bruno, Lucas, Camila, Licre, Julio e Victor. Eu amo e sou grata a todos vocês!
Finalmente, dedico este livro a minha mãe que, em todos estes anos, jamais deixou de apoiar uma paixão minha, seja quando eu era apenas uma criancinha chata ou uma adulta conturbada. Diante de tanta adversidade, ainda fez tudo que pôde para me impulsionar às estrelas.
Agradeço já de antemão a todos que lerão ou tentarão ler este livro. Só de sua curiosidade abrir as portas para o meu mundo se encontrar com o seu, sério, já é um presente para mim!

***

Esta é uma história que dedico a todos que, em algum nível, lutam todos os dias para superarem o passado e que tentam fazer as pazes com o seu antigo eu. É para os ansiosos, os neuróticos, os preocupados que pensam demais em como o tempo passa rápido e que acham que não aproveitaram a vida da forma correta e que gostariam de, nem que fosse só por um dia, fazerem uma escolha certa. É para os sentimentais, que tentam fechar as cicatrizes que pessoas atormentadas abriram, e que ainda se dão ao trabalho de tentar perdoá-las. É para os que estão perdidos em meio a tantos sentimentos e pensamentos, em verdades e narrativas. Que sentem que nada faz sentido ao mesmo tempo em que flutuam do nada para momentos eufóricos de "eu preciso aproveitar a vida".
Todo este caos interno que se mistura ao caos externo da busca incessante do sentido da vida e da aprovação de outras pessoas, como se fossem elas que iriam nos dizer se estamos fazendo de fato o que é certo.
Vocês não estão sozinhos.

AMOSTRA GRATUITA

Capítulo 0
Um Sonho Prólogo

Vejo um saguão escuro, iluminado apenas por uma janela ao norte, no alto de uma grande escada. Percebo-me sozinho nesta casa abandonada e suja. Mas, afinal, o que é aqui? Com essa confusão, ando mais um pouco pelo local, observando com atenção cada detalhe ao girar em meu eixo. O chão xadrez de mármore, as esculturas góticas, as cortinas em vermelho-sangue semiabertas que cobrem duas vidraças e entre elas a porta em mogno muito bem entalhado semiaberta, que deve ter sido por onde eu vim. Com certeza este lugar já foi lar de uma pessoa com muitos pertences, com um sobrenome poderoso na cidade, talvez até poder suficiente para ter um Estado inteiro nas mãos. Mas tudo parece tão velho…

Há quanto tempo ninguém entra nesta casa?

Está igualmente escuro lá fora, mas dá para ver as copas de árvores balançando, além de incontáveis folhas no chão. Concluo, por conta da grandiosidade da floresta, que estou bem longe da cidade. Agora, como vim parar aqui é outra questão num mar de perguntas que rondam minha cabeça.

Sinto um arrepio, uma sensação de que estou sendo observado. Passei tempo demais olhando para as vidraças que me esqueci da escadaria. Será que abaixei a guarda demais com minha curiosidade e arrogância ao constatar tão rápido que estava sozinho?

Tenho a sensação familiar de que este é meu fim. É como se já tivesse visto isso antes, um déjà vu desagradável em que me sinto condenado a um destino mortal. Se eu me virar, terei a visão final do assassino e, mesmo que soe como bobagem, isso me deixa paralisado pelo medo. Por outro lado, se eu não me virar, é como se eu fosse um covarde que não está dando a si mesmo a chance de se defender. Isso deveria ser a prioridade, não? Mas, ainda que o instinto seja de viver, a certeza de que morro neste exato instante permanece. Não sei por que, não sei como, só sei que é como um filme que já vi e sei como termina.

Ah, que se dane. Como estou tendo estes pensamentos, afinal de contas?

Eu decido me virar. Engraçado! Enquanto me viro, me sinto cada vez mais cativado com a ideia de que prefiro saber como é meu fim e qual a identidade de meu ceifador. E agora, pensando bem… E eu, quem eu sou?

O frio na barriga me consome a ponto de me tirar o ar.

Que pergunta mais inquietante; não posso morrer agora! Quem eu sou?!

Eis que meu questionamento é interrompido e não respondido por uma adaga em minha barriga, fincada por um sujeito encapuzado. O capuz o cobre tão bem que, no lugar de seu rosto, só vejo um precipício escuro e perturbador, praticamente um abismo.

Mais uma facada, e outra, e outra… O chão xadrez agora é tomado por um corpo de seja lá quem eu tenha sido, por um encapuzado ajoelhado muito bem determinado em sua nova atividade e uma poça de sangue que só se espalha. Por que isso não acaba logo?

Como uma bênção, meu questionamento se torna um milagre. Estou apagando e ficando frio. Na atual ocasião, estou até agradecendo. O bom é que não há mais dor, apenas escuridão, silêncio e estes pensamentos aleatórios, aos quais eu, sinceramente, já acho que estou teorizando demais. Me desculpe, acho que ando muito ansioso…

Fico vagando neste vazio, ouvindo um canto, como de uma baleia, só que ainda mais melódico. É como se fosse uma música que, mesmo me causando nostalgia, não

AMOSTRA GRATUITA

consigo me lembrar. Ainda assim, ela me dá uma sensação reconfortante de perder o juízo. Esquisito, não é? Perder a cabeça não deveria ser uma coisa boa, mas esse aparente canto de baleias me faz sentir… em casa. É após longos minutos de contemplação do vazio e da melodia misteriosa que escuto uma batida muito forte vinda de longe. Parece bater em madeira maciça.

Isso me faz… acordar. Acordo em um susto, um misto de felicidade, espanto e raiva.

Eu estou vivo! Eu estou vivo?! Eu estou vivo…

O pesadelo me deixou tão incrédulo que não posso evitar tocar em mim mesmo, principalmente em minha barriga. Pouco tempo atrás , eu sentia a dor latente dos cortes rasgando minhas vísceras, mas agora… É assim que noto algo estranho, que não deveria estar como está, e nem me refiro aos incontáveis cortes que não estão mais presentes, mas sim a um corpo juvenil ridículo. Provavelmente um corpo de alguém que beira os 17 anos? Sinto-me humilhado com essa aparente figura patética, porém não há tempo para mais resmungos, já que ouço mais uma batida forte.

Levanto-me e saio do caixão de mogno e acolchoado leve e confortável em carmim. Confesso que, mesmo confortável, minhas costas doem, mas pelo menos dessa vez sei quem eu sou. Meu nome é Conde Vlad III Drácula, tenho 466 anos e muito provavelmente me alimentei demais na noite passada. Agora, por conta da minha falta de disciplina e gula malograda, tenho de lidar com um corpo que demonstra fraqueza e que com toda certeza ninguém levará a sério até que eu encontre a normalidade da minha aparência.

O pesadelo ainda me perturba quando olho a luz da lua pela grande janela do quarto e apanho uma capa com capuz escura apoiada a um pendurador, como um cotidiano que nem eu mesmo reconhecia. Aproximo-me rapidamente da janela e percebo apenas as copas das árvores balançando em um horizonte sem cidade aparente.

Familiar…

Saio do quarto, me dirigindo até a escadaria. Visto o capuz e, de repente, todo aquele pesadelo que tive parece mais uma piada interna. Não consigo evitar abrir um sorriso aliviado, compreendendo tudo que senti há alguns minutos, afinal, nada mais soa estranho.

Eu paro acima da escadaria que dá ao saguão de minha mansão. Posso dizer com propriedade que ela é de uma imponência que, de fato, deve despertar a curiosidade de muita gente, como a do grupo de jovens que se encontram distraídos lá embaixo. Eles observam o chão xadrez de mármore, as estátuas góticas, as cortinas vermelho-sangue… Eu preciso rir, mas vou me conter.

Estou aturdido com o que me tornei nestes tempos. Primeiro um guloso indisciplinado, agora um desordeiro. Reconheço que não estou na minha melhor fase e que minha casa já deve ter presenciado dias melhores, mas precisavam falar em voz alta que é uma mansão abandonada?

Tenho aqui algo do qual eles não podem reclamar da sujeira: as quatro adagas douradas e perfeitamente adornadas em meu cinto. Uma delas já será o suficiente para fazê-los sentir que a viagem não foi em vão, creio eu, afinal, deve ter sido um percurso e tanto para chegarem até aqui. Suficiente também porque não posso só viver sem as quatro. Elas são a fonte de minha vitalidade, bem como de toda a força que me faz soberano a qualquer criatura viva.

Agora sim eu posso rir do sonho. Propositalmente, claro, como uma entrada triunfal. Diversão! Não há graça em só atacar, é necessário anunciar com estilo. O grupo de jovens se assusta e começam a gritar e tentar fugir. Um deles inclusive entra em um estado de histeria tão intenso que eu poderia só deixá-lo morrer de ataque cardíaco. Infelizmente o pensamento não veio junto de minha ação, que já empunhava a adaga e

AMOSTRA GRATUITA

fincava a lâmina com gosto em sua carne. Não precisa de muitos golpes, ainda há outros para cuidar.

E eu mal consigo me controlar mais. Estou perdido em pensamentos e fantasias, apenas imaginando qual deve ser a visão que estes jovens devem ter tido: uma figura encapuzada, sombria e mortal, cujo rosto é substituído por um infinito escuro. Um precipício. Um abismo…

Curioso pensar dessa forma agora. E , de um jeito misterioso, sinto que não é a primeira vez que este pensamento vem a mim. Sou a escuridão dos outros e do meu próprio inconsciente. Desperto o terror, o pensamento da finitude, a desesperança. Se eu lhes faço encarar isso tão de perto, é porque eu também sou um pouco perturbado por estas mesmas angústias da alma.

Eu sou meu próprio abismo.

AMOSTRA GRATUITA

Capítulo 1
Drácula e a Cidade

Alimento-me de sangue humano, talvez isto se mostre óbvio desde o início ao saber quem eu sou. Tenho um costume curioso: mesmo que eu não faça ideia dos dias anteriores e como parei com este corpo pequeno e magro, ainda tenho algumas certezas inatas que aparecem naturalmente à minha memória. Sei que, após me alimentar, tenho o hábito de verificar os bolsos das pessoas que outrora tinham sangue pulsando nas veias. Hoje não foi diferente.

Três moleques entraram na minha casa com um estilo nada usual. Digo, calças largas coloridas, uma camisa esquisita de tecido grosso e o chapéu mais feio que eu já vi em toda minha existência. É como se tivessem retirado 3/4 da aba e mantiveram apenas a área frontal. Prático, eu diria, mas monstruoso e ultrajante. E o que são aquelas coisas em seus pés? Seria uma espécie de sapato social novo com cadarços mais grossos, que auxiliam a manter o sapato firme? Eu compreendo o desgosto quando o couro laceia e o calçado se torna frouxo, mas isto é ridículo.

Enfim, talvez o que trazem nos bolsos seja mais interessante e menos repulsivo. Vejamos… Certo! Encontro uma carteira. Abro-a e encontro coisas que nunca vi. Dinheiro colorido de uma civilização que pouco conheço, porém entendo a leitura.

“REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL”.

Brasil. Já ouvi falar de algumas histórias referentes a este país novato, mas eu de fato nunca ouvi dizer sobre seus hábitos com sapatos de cadarços que percorrem quase toda a área frontal do calçado. Quando foi que aprendi a língua? Bom, isso não importa. Como eu disse a mim mesmo antes, eu devo ter tido uma noite longa ontem.

Vejo que se tratam de “50 reais” surrados e desenhados.

Espero que este desenho não seja o que estou pensando…

Há cartões de visita, duros como lascas de madeira em pequenos compartimentos da carteira. Retiro dois deles e agora me questiono se o rapaz que está morto em minha frente se chama Bradesco ou NuBank. Oh, como eu sou tolo! Devem ser empresas. Logo abaixo vejo um nome em comum: Henrique Ferreira da Costa. Não há nada de valor aqui, mas devo admitir que uma peça de metal retangular me chama atenção. Estava fora da carteira, mas ainda assim no bolso do rapaz. É pesado o suficiente e com uma película de vidro na sua superfície. Parece inútil, até eu apertar um dispositivo na sua lateral… A peça se acende como um sol . Há uma foto obscena refletindo no vidro; o horário 20h17 se junta à data de 25 de outubro.

Isso só pode ser armadilha cristã! Largo o objeto no chão o mais longe possível e esfrego os olhos. A vontade é arrancá-los fora de tanto que doem, mas preciso deles para me ajudarem a voltar para o quarto. Deixo para arrumar a bagunça depois. Primeiro, certificarei de que não tenha ficado nenhum resquício de um ataque surpresa.

Se eu ao menos tivesse um espelho… Se eu ao menos pudesse me enxergar neles!

Subo o mais rápido que posso e abro a porta da suíte. Escuto, com o abrir da porta, que ela batera com força em um móvel ali perto e derrubara alguns papéis no chão. Mais uma bagunça para arrumar… Entro no banheiro integrado ao quarto e lavo o rosto na pia. Esfrego bem até sentir a pele perder todos os óleos essenciais e não essenciais. Sinto os dedos enroscarem na pele agora áspera e seca. Fecho a torneira e fico a encarar a água cair no ralo, límpida, sem rastros de que fui intoxicado ou ferido.

AMOSTRA GRATUITA

De certa forma esta situação me é hipnótica. Digo, ficar parado, com a cabeça baixa, observando a água ser levada. É tão relaxante que me dou ao direito de abrir a torneira novamente e vê-la descer e sumir de vista. Tem algo muito poético neste momento que me deixa fascinado por sua beleza. Eu mesmo não me considero um grande fã de poesia, mas quando a beleza de uma poesia natural encontra uma realidade tenebrosa, você só observa, contempla, entende. Algumas belezas horríveis não são para serem descritas, mas sim observadas.
"O que é uma beleza horrível?", você deve me perguntar.
Eu não sei! Talvez o maior exemplo de beleza horrível que eu possa te dar agora é um homem infantilizado, todo ensanguentado, encarando água escorrer para um buraco, sozinho no seu lar e que sempre será solitário. Sempre.
Bom, agora que falei sobre solidão, talvez a poesia tenha ido longe demais…
Há coisas sobre a vida humana que são interessantes e que me causam inveja. A possibilidade de estar entre outras pessoas, por exemplo, me causa intriga. Como é possível confiar em outra pessoa tão cegamente e deixá-la se aproximar tanto a ponto de poder receber uma facada e não perceber? Nem ao menos me lembro qual é a sensação de me reunir com amigos, de ter uma família, de ser amado. Na verdade, eu nem me lembro de nada, só sensações de solidão.
Está na hora de fechar a torneira. Não quero sentir essas coisas, não quero encará-las como problemas. Estou sozinho porque quero, porque me basto. Não preciso de alguém perto demais, querendo intimidade ou mendigando carinho o tempo todo. O Grande Conde Drácula se vira bem com os problemas cotidianos.
O que importa de verdade é que parece que nada me ocorreu afinal. Ainda continuo vivo, ainda continuo bem e… Ainda continuo com uma aparência patética. E, além disso, tem uma grande bagunça me esperando na suíte e no saguão. Vamos uma por vez. Seco o rosto e as mãos na toalha disposta num gancho na parede e saio do banheiro. Vejo que o que caíra anteriormente foram pilhas e mais pilhas de papéis.
Correspondência? Jornais? Acho que estive a lê-los antes de pegar no sono. Certo. Pego aos montes e, pouco a pouco, com minha mão menor do que deveria ser, coloco tudo em cima do móvel novamente.
Há cartas de amigos que esqueci que tinha, jornais de março de 1898 a janeiro de 1899, mas há principalmente montes e montes de cartas de amor de Mina Murray. A minha Mina, pelo que entendo pelos textos!
Olhe, deixe para lá tudo que eu disse sobre solidão. Eu sou um homem que ama agora e mal sabia, e isso me deixa empolgado, para não dizer outra coisa.
Em uma das cartas, ela me aponta que está em uma viagem para conseguir um novo lar para nós dois, já que a minha tentativa de me hospedar em Londres foi fracassada e o clima tropical não foi das melhores experiências, assim como já estamos há tempo demais em terras tupiniquins. Há quanto tempo ela foi viajar? Há quanto tempo estamos aqui? Pretendo ler todas as cartas, mas não consigo parar de olhar para um envelope branquíssimo em meio a tantos papéis amarelados e finos. O nome também é único no meio das pilhas de cartas, assinadas por um tal de La Mer.
Perdoe-me Mina, mas a curiosidade não me permite ser romântico como prioridade. Abro o envelope e retiro uma folha escrita à mão, muito bem. Vejamos…

"Caro Conde Drácula,
Devo alertá-lo sobre as graves sequelas de sua recente internação. Receio que o senhor terá de passar um tempo em seus aposentos até que se sinta saudável o suficiente para voltar à ativa e conviver com as ruas. Compreendo que manter-se na sua residência por longo período soe demasiadamente tedioso, porém necessário.

AMOSTRA GRATUITA

Também compreendo se uma das sequelas previsíveis for a amnésia. Como eu disse ao senhor, os ferimentos eram graves. Caso não os lembre, trago através deste um singelo resumo.
O senhor me foi entregue por um velho homem chamado ‘Mensageiro’. Sabendo de minha habilidade em curar ferimentos, gabo-me ao caro conde que fiz, com o perdão do sacrilégio, um milagre! Pelo pouco que sei, o senhor fora pego em uma emboscada, na qual o senhor mesmo, em devaneios, me falou nomes como Van Helsing e Jonathan Harker. Espero ter os escrito apropriadamente. Creio ter ouvido falar também incontáveis vezes sobre Mina Harker.
Enfim, fora uma internação de 129 dias, mas foi importante tê-lo aqui para também documentar a possibilidade de resgatar um vampiro empalado. Creio que Jonathan tenha falhado em cortar vossa cabeça de forma efetiva, e isso trago como um comentário positivo. Bastou-me alguns pontos em seu pescoço e destreza para retirar a estaca de madeira em vosso peito sem perder a Besta.
Talvez os ferimentos lhe causem alguns “apagões” de memória eventualmente por conta do comportamento da Besta após quase ser liberta do senhor. Isto é previsível, como eu também relatei anteriormente. Portanto, mantenha esta carta por perto e em local de fácil contato.
Para finalizar, reitero que a melhor coisa que o senhor faça em um período considerável é manter-se em reclusão. Não se preocupe com questões secundárias. O senhor está sendo bem tutorado e deixara um colega cuidando de seus afazeres.
Espero que esta carta o ajude a tirar dúvidas e angústias, seja neste presente momento que esteja a ler ou no futuro quando a Besta embaralhar sua memória. Espero que isto não aconteça com intensidade.
Com meus verdadeiros votos de melhora,
Pierre du La Mer.
15 de janeiro de 1994”

Certo. Este é o momento que eu posso finalmente surtar? Mil novecentos e noventa e quatro? ! Há quanto tempo estou nesse ciclo infernal?! Este corpo é uma sequela? Quem está cuidando de meus trabalhos se não é minha Mina?! MERDA! Sinto uma pontada forte em minha cabeça. Dói feito uma batida forte na quina de uma mesa.
Além do mais, coisas não fazem sentido. Quer dizer, minhas últimas memórias, me recordo bem, se passam perto da virada do século, creio que por volta de 1895. Os jornais na mesa e as cartas de Mina são de 1899, como que somente em 1994 recebi essa correspondência? Talvez eu deva vasculhar mais esta casa em busca de outras cartas, porém me sinto sem cabeça para isso.
Não sei em que ano estou. Só a data desse tal Pierre refere-se há quase cem anos a frente das minhas últimas memórias. Minhas mãos tremem só com o fato de ter perdido cem anos de vivência, seja dormindo ou esquecendo. Soa como um medo humano, até consigo me remeter aos meus jovens anos como um ser que inspirava e expirava com frequência. Por que devo temer o tempo passar? O tempo não me afeta, não haveria de me afetar o fato de que ele passou por mim e não me causou lembranças… Mas me afeta. Sinto como se eu tivesse perdido oportunidades, calores, momentos…
Ficar em minha residência?! Jamais! Eu vou me arrumar e vou ver imediatamente o que é que está acontecendo lá fora. Ele sugeriu que eu ficasse em casa por um “período considerável”. Afinal, o que é um período considerável?! Creio que ninguém tenha entrado em contato para relatar uma possível extinção de vampiros ou uma guerra declarada, com tecnologias fortes o suficiente para me aniquilarem à distância

AMOSTRA GRATUITA

com alho… Se bem que aquele aparelho do jovem de gosto duvidoso poderia muito bem ser uma arma poderosa, desconhecida e que me coloca em desvantagem.
Bom, se qualquer coisa acontecer, me transformo e volto para casa. Isso! Não há nada a temer, eu sou o poderoso Drácula, afinal das contas. Vamos ver o que o mundo lá fora me reserva.
Talvez antes de encarar o desconhecido seja prudente trocar minhas vestes. Roupas ensanguentadas não deixavam pessoas confortáveis em 1800 e duvido que esse hábito mal compreendido tenha mudado. Termino de me trocar e nada é muito diferente do anterior. Camisa preta de manga longa, calça social preta, sapatos sociais bem engraxados sem cadarços e, claro, ela. A peça mais importante, funcionando como uma segunda pele para mim por todos os anos que me recordo: minha capa com gola alta, acompanhada de um capuz largo. Por fora, opaca e elegante, por dentro forrada em camurça vermelha, para me aquecer no frio constante que sinto. Ela era muito bem aceita nos invernos da Romênia, mas ouvi dizer que o clima brasileiro é bem mais quente. De qualquer forma, prefiro sair com minha melhor aparência e com proteção extra, já que terei de desbravar a floresta antes de encontrar qualquer sinal de civilização.
Agora que percebi que minhas roupas de costume me vestem perfeitamente apesar de, pelos meus cálculos, eu estar cerca de 20 centímetros mais baixo. Talvez eu não tenha passado quase cem anos em sono profundo afinal, eu devo ter saído em alguns momentos e trocado o guarda-roupa. Acontece que, se eu o atualizei tanto, é porque estou assim há muito tempo… Talvez eu também devesse ir atrás de Pierre du La Mer, ele deve ter muito mais a me dizer do que o resumo que consta na carta.
Estou muito curioso para ver como as coisas mudaram, mas também estou ansioso. Acho que deveria ir prevenido. Desço as escadas e paro em frente do dispositivo enfeitiçado, agora apagado. Acredito que seja importante carregá-lo comigo, quem sabe eu consiga usar a meu favor. Pego-o, assim como a carteira, e coloco no bolso da calça. Estou pronto, eu acho. Por fim, e não menos importante, ajeito as quatro adagas no cinto. Não é nada discreto, seja por conta da fivela dourada e oval com vários arabescos ou por conta das oito bainhas que circundam toda a faixa de couro — que, aliás, onde estão as outras quatro adagas? Pelo menos eis mais um motivo de usar a capa. Veja só como é útil! Caso eu encontre civilização, é só eu me cobrir e pronto, não incomodarei ninguém com o acessório. Sou um dos poucos de minha geração capaz de me transformar em morcego. É uma raridade mesmo, é sério! Isso me ajuda a fugir caso a força não seja o suficiente para me salvar de situações drásticas.
Oh sim, falando nisso, sou tão forte quanto — e em alguns casos até mais — que um Nosferatu, mas, como eu disse, nem tudo é sobre força bruta, às vezes é sobre rapidez e agilidade, coisas que não sou tão bom assim. Neste caso, é sempre bom ter a ajuda da Besta para me livrar de um lugar a partir do voo. Minha Besta aparentemente está sob controle, pelo menos hoje. Ela é como um diabo, um monstro que luta contra o pequeno rastro de humanidade para conquistar meu corpo. Se deixo ela vencer, eu deixo de existir, desocupo meu corpo para Ela usá-lo como quiser. Esta é minha sina da vida eterna, estar em constante batalha contra alguém que quer me consumir de dentro para fora. Só espero que, ao salvar minha vida, Pierre não tenha me condenado à uma experiência de constante guerra. Definitivamente não estou interessado em perder minha consciência para essa coisa, apesar de que um dia isso acabe acontecendo. Vai ser como uma segunda morte, só que pior.
Mas hoje não. Hoje estou decidido de que não será o dia de minha dolorosa segunda morte. Sei que isso não está necessariamente sob meu controle, mas creio que um pouco de determinação e confiança me faça ter esperança de que terei uma trajetória

AMOSTRA GRATUITA

tranquila. Afinal, tudo que preciso no momento é um pouco disso, e não o digo em sentido religioso, mas sim em sentido de sobrevivência. Não há vida sem uma pitada de crença de que tudo ficará bem. Prefiro crer nisso a ter dificuldade para levantar do caixão com o peso da existência vazia nas costas. Há de ter algo agradável e minimamente controlável para que se tenha certeza de que algumas horas valham a pena. Hoje, por exemplo, mesmo em pouco tempo acordado, já aconteceu muita coisa. Agora estou consciente de muito do que me aconteceu, e isso é bom ao meu ver. Há de se aproveitar cada segundo de microesperanças que nos são apresentadas.
Droga, estou filosofando de novo. Antes que mais um pensamento idiota me passe na mente, abro a porta…

…

Eu não sei nem o que descrever, me dê um momento.

…

Muito bem, eu vejo… Vejo carros muito mais rápidos e modernos do que os que me lembro. Vejo prédios altos, muito mais altos do que eu jamais sonharia ver um dia. Vejo espécies de barracas com produtos esquisitos. Tem um vendedor de uma comida que desconheço logo em frente a minha mansão.
Minha mansão! Olho para trás e tudo que vejo são destroços; uma casa que um dia fora bela, mas não é nem de perto tão imponente quanto o que vivo lá dentro. Deve ser mais um daqueles truques de camuflagem. Isso era comum em algumas comunidades da minha época, mas parece que as coisas ficaram ainda mais interessantes atualmente. Por fora algo de pouco interesse, por dentro um mundo que não deve ser de conhecimento de todos. Fecho a porta atrás de mim e avanço até o portão. Que barulho ENSURDECEDOR! Parece que vem dos carros e das centenas de pessoas que vejo passarem de um lado para o outro nas calçadas.
Quando foi que o mundo ficou tão cheio?!
O muro todo está desenhado com símbolos incompreensíveis. O portão está trancado, terei então que pular como os meus falecidos visitantes devem ter feito. Pulo para fora e atraio os olhares de um dos vendedores, que mesmo me dando um olhar de reprovação, parece não se importar a ponto de chamar uma autoridade. Quem sabe é um cotidiano dele ver pessoas pularem muros…
Dou mais uma olhada para a mansão. Intrigante, mas discreta. Não é uma boa aparência, mas confesso que se camufla bem entre os prédios. Quer dizer, é o único casarão abandonado no meio de prédios ocupados, mas é como dizem: às vezes o que mais se destaca é aquilo que mais se camufla. Sinto que vivi uma mentira todas as vezes que olhei pela janela — duas vezes, mas ainda assim uma mentira bem contada. Onde estão todas as copas de árvores que eu vi? Com certeza não são deste suposto parque à esquerda de minha casa. Devo seguir. Acredito que seja impossível ir em frente, o que me resta é minha esquerda e minha direita. A minha direita há mais ruas e prédios. Na minha esquerda há… mais ruas e prédios, tudo muito bem-iluminado e, às vezes, com luzes coloridas. Aparentemente é uma moda neste tempo presente ter muitas cores, feito um palhaço de circo.
Ei, o que é aquilo?
Há uma placa vermelha com um M grande em amarelo que me chama atenção. A mansão ao qual a placa está é cheia de luzes coloridas. Bom, se a moda agora é cores em todo canto, uma mansão com todas as cores existentes deve ser de uma pessoa

AMOSTRA GRATUITA

poderosa. M de quê? Quem sabe… Mer! Eu ando em direção da mansão espalhafatosa. Percebo que atraio olhares e risos. Pergunto-me qual deve ser a graça. Se não fosse por tantas pessoas ao redor, eu teria o maior prazer de matá-las agora mesmo só pela petulância. Algum jovem com roupas que já identifico serem do momento me grita algo e depois vira-se para seu grupo de amigos e ri. É uma frase que não consigo entender seu teor, algo como: "O Halloween é só daqui seis dias, otário!".
O que diabos é "Halloween"…
Eu paro na frente da mansão, e devo confessar que ela é ainda mais chamativa de perto. Agora vejo mais um M luminoso pendurado no teto do primeiro andar e, ali no topo, uma placa "MÉQUI 1000" praticamente grita por atenção. Há muita gente entrando sem precisar tocar a campainha ou pedir permissão. A pessoa é tão bem-afortunada que permite a entrada de todos.
Eu entro e, novamente, é difícil descrever o que vejo. Talvez a coisa mais simples de se dizer é um lanche gigante pendurado no teto. Sei que parece loucura, eu também questiono a minha sanidade neste momento. As pessoas parecem não ligar para isso, ficam mais interessadas em telas dispostas um pouco a frente de uma escadaria ou se amontoarem em mesas à minha direita. Elas estão… comendo.
Então é um restaurante! O cheiro é interessante, e o melhor: lembro-me de que posso me alimentar de outras coisas que não seja sangue. Não que isso me sacie, mas é um luxo que eu costumava dar a mim mesmo às vezes. Comer é bom, e acho que seria uma bela aventura gastronômica se eu me desse este momento e, mais do que prédios e roupas, talvez a comida também tenha mudado. Tomara que a extravagância tenha também alcançado os alimentos.
Procuro ser discreto, sem chamar atenção, afinal, não sei como são as novas regras de convivência. Sendo assim, minha opção é acompanhar a fila que se faz à minha frente. Demora um tempo razoável até que chega minha vez. A jovem à minha frente, recebendo os pedidos, me encara de cima a baixo, como se visse algo desencaixado de sua realidade.
— Qual é o pedido do senhor? — ela fala rapidamente.
— O que você me sugere?
Ela se mostra confusa com minha pergunta e me devolve com outra pergunta.
— Como?
— Qual é sua sugestão? Eu não sei o que pedir.
— Bom… O senhor poderia pedir o lanche do dia — devolve ela, nitidamente confusa.
Eu olho para os quadros animados atrás dela e vejo algumas coisas como "COMBO DO DIA" seguidos de fotos de lanches e mais lanches. É importante que eu a pergunte…
— E que dia é hoje?
Ela parece ainda mais confusa.
— Hoje é sexta-feira.
— Bom, está feito então.
Eu estendo a nota surrada do morto para a moça. Ela a pega, abre um tipo de caixa, remexe algumas notas e me devolve outras de valor mais baixo.
— Como devo chamar o senhor quando ficar pronto?
— Drácula.
Ela ri, como se entendesse algum tipo de piada
— Claro! Aguarde ali do lado, senhor Drácula.

AMOSTRA GRATUITA

Eu agradeço, apesar de a achar revoltante, assim como as outras pessoas na calçada, rirem de minha identidade.

A solidão no meio da multidão me deixa melancólico. Não exatamente tristeza, mas melancolia. Costumo rotular assim momentos agradáveis que causam saudade de um tempo que não volta mais. É mais um exemplo de "beleza horrível", eu diria. Há algo muito agradável e comovente em ficar num canto de um lugar cheio e só observar as pessoas vivendo, como se você fosse um fantasma onipresente, que é capaz de ver e ouvir conversas privadas.

Quais são as histórias de todas essas pessoas? Que tipo de situação as fizeram ter a ideia de virem aqui, justamente aqui, neste exato momento? Será que elas se dão conta de que este exato momento que elas decidiram estar aqui, de certa forma, modifica toda uma rota de vida? Às vezes num restaurante você pode conhecer alguém interessante, às vezes pode passar um enorme estresse que te faz criar um novo padrão de "pior noite para sair da cama", às vezes pode ter ideias incríveis para escrever um livro e, às vezes, quem sabe, pode esbarrar com um vampiro faminto e sua vida acaba ali, na busca de um lanche com picles. São tantas ramificações e, independentemente do que acontece ou deixa de acontecer depois da escolha do caminho a ser seguido, parece até que tudo foi perfeitamente moldado pelas mãos do destino. Ou não. Perfeitamente moldado por nossas mãos. O que há de me acontecer agora que decidi sair de casa e me aventurar em uma mansão colorida? Sinto-me como uma espátula na mão de um escultor. Eu sou o objeto sendo movido parar criar uma figura que não sei ao certo o que é.

Meus devaneios são interrompidos pela atendente, que grita "Drácula" com um papel na mão. Risadas são ouvidas de novo por toda aquela recepção.

O que a tal pessoa que Pierre du La Mer citou fez com minha reputação?, penso.

Aproximo-me, questionando a agilidade da entrega, mas assim que uma outra senhorita uniformizada me confirma que é mesmo o meu pedido, pego a bandeja com um lanche, alguns petiscos e um copo. Agradeço e me dirijo até uma mesa disposta do outro lado do salão. Sento-me sozinho e ouço alguém ali perto me chamar de sortudo por conseguir uma mesa com facilidade, antes de seguir seu caminho com seu grupo, reclamando por não ter chegado antes. É até desconfortável. Não o resmungo do humano, mas sentar sozinho, já que todas as pessoas ao meu redor estão acompanhadas em suas mesas.

A primeira coisa que quero experimentar é o que está no copo. Ele está tão gelado que quase me desmotiva, mas ainda assim quero saber o que é isto. Retiro a tampa do copo e vejo que o líquido é escuro e possui bolhas. Parece café, mas com certeza não é. Hesito um pouco, mas não consigo evitar de experimentar algo tão estranho. Dou um gole. O gosto é doce, levemente canelado. As bolhas explodem em minha boca.

É uma sensação fantástica! Mas… paro um pouco, encarando o lado de fora. Esse sabor me é tão familiar…

AMOSTRA GRATUITA